

Em homenagem ao dia das crianças, 12 de outubro, o Centro Cultural do Poder Judiciário realizará, nos dias 13 e 14 de outubro, às 14h, o evento **Doce de Letras – Contação de Histórias**. O encontro, realizado em parceria com a Secretaria de Cultura e Economia Criativa, terá como convidados (no dia 14) o juiz e escritor Luiz Eduardo de Castro Neves, autor do livro infantil Histórias que os bichos gostam de contar (do qual contará algumas), e o contador de histórias Felipe Lacerda (nos dias 13 e 14), que apresentará ao público narrativas populares e da



literatura infantojuvenil brasileira, entremeadas por cantigas ao violão e brincadeiras orais, buscando despertar no público infantil presente a paixão pela palavra dita e pela palavra escrita. Serão narrados contos como: **Tangolomango**, **Um pipi choveu aqui**, de Sylvia Orthof, e **Quem quer brincar comigo?** de Tino Freitas. Após a contação, as crianças poderão conversar com os contadores. Espaço Cultura na Justiça. Rua Dom Manuel, 29, Térreo, Centro - Rio de Janeiro, RJ. Grátis pelo link: <https://www.sympla.com.br/evento/do-direito-a-literatura-apresenta-doce-de-letras-contacao-de-historias/3591856/checkout/etapa-1?referrer=portaltj.tjrj.jus.br&referrer=portaltj.tjrj.jus.br&isTTCP=false>

Reaberto ao público em 2025, após um minucioso processo de restauração, o Palácio Gustavo Capanema é um marco da arquitetura moderna brasileira. Projetado por Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira e Ernani Vasconcellos, com consultoria de Le Corbusier, o edifício reúne obras de Candido Portinari, Roberto Burle Marx, Bruno Giorgi e Celso Antônio. É nesse contexto que o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro (CAU/RJ) apresenta, de 1º de outubro a 12 de novembro de 2026, a exposição **Portinari e o Brasil Moderno — Os murais do Palácio Capanema**, no centro do Rio de Janeiro. A mostra reúne obras de Portinari produzidas durante a criação dos murais do edifício, um dos mais importantes conjuntos artísticos do modernismo brasileiro. A concepção da exposição nasce no contexto da Conferência Estadual de Arquitetura e Urbanismo, realizada pelo CAU/RJ no Capanema em 1º de outubro. Ao sediar a conferência, o edifício aproxima os debates contemporâneos sobre a cidade de um patrimônio no qual arquitetura e arte expressavam as aspirações vanguardistas do país. Realizada pelo CAU/RJ, em parceria institucional com o Ministério da Cultura (MinC), Danielian e ETEL, com patrocínio institucional da FIRJAN Sesi SENAI, a exposição tem curadoria de Rafael Peixoto e Marcus Lontra e concepção e curadoria institucional de João Paulo Balsini. Ela ocupa o Salão Portinari, no segundo andar do edifício, voltado para o jardim suspenso de Roberto Burle Marx. O espaço abriga os painéis da série Ciclos Econômicos Brasileiros, realizada entre 1938 e 1945, ano de inauguração do prédio. As obras expostas estabelecem um diálogo direto com os murais para os quais foram concebidas e com a arquitetura que os integra. Palácio Capanema, Rua da Imprensa – Centro – RJ. De 1º de outubro a 12 de novembro de 2026, das 9h00 às 17h00.



Candido Portinari, São Francisco de Assis. Óleo sobre tela, 54 x 46 cm.

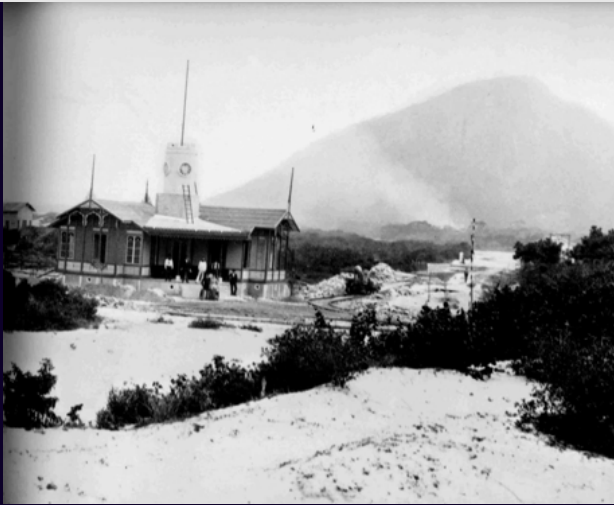
Novo filme com Brad Pitt, **Coração Selvagem**, com direção de David Ayer e roteiro de Cameron Alexander, é um drama estadunidense feito para emocionar. A trama acompanha James Belmont (Brad Pitt), ex-agente das forças especiais, e seu cão Odin (interpretado por Uber), um pastor-alemão que também serviu como cão de guerra. Aposentados, os dois passam o tempo explorando a vida selvagem do interior do Alasca, até que um acidente aéreo os deixa perdidos em meio a uma natureza hostil, obrigando a dupla a sobreviver praticamente sem recursos. Ainda que a estrutura de sobrevivência siga fórmulas já conhecidas, o verdadeiro protagonista dessa história não é James, e sim Odin. É o cão que a câmera de Ayer insiste em perseguir, e é nele que o filme deposita boa parte de sua carga emocional. Odin carrega os próprios traumas de guerra, revividos em pesadelos que o acordam durante a noite, e é essa vulnerabilidade compartilhada com James, dois lobos solitários, cada um à sua maneira, que dá densidade ao vínculo entre os dois. A eficácia emocional da história se sustenta mesmo quando a trama recorre a situações previsíveis e, em certos momentos, pouco plausíveis: o filme entrega mais coração do que qualquer inovação real dentro do gênero de sobrevivência, e é exatamente aí que reside seu maior mérito. Disponível nos cinemas.



Você sabia?

Você sabia que o Rio de Janeiro já teve um bonde que circulava sobre trilhos instalados na areia da praia? Até a segunda metade do século XIX, Copacabana era habitada e frequentada apenas por pescadores, caçadores e aventureiros. A partir de 1870, por funcionários responsáveis pela instalação e manutenção do cabo telegráfico entre Brasil e Europa — obra de Irineu Evangelista de Souza, o barão de Mauá, que, pela obra do cabo submarino, recebeu o título de visconde de Mauá, em 22/06/1874. Em certa ocasião, correu a notícia de que baleias haviam encalhado nas praias de *Sacopenapan* — como chamava-se a região entre a lagoa e Copacabana. Uma expedição, incluindo o imperador Pedro II, foi ver o evento, e os envolvidos ficaram 3 dias e 3 noites por lá, encantados com a beleza do local. Como o acesso a Copacabana era muito difícil, resolveu-se instalar uma linha de bondes que ligasse a cidade ao local. Após vários projetos abandonados — um deles cogitava até levar a via férrea de Botafogo, pelo litoral, passando por Copacabana até chegar a Angra dos Reis —, em 1890 foi assinado um termo obrigando a Cia. Jardim Botânico a construir suas linhas até Copacabana, chegando lá por um túnel a partir de Botafogo. Por vários problemas, a obra não andou, e só saiu porque José de Copertino, diretor da Cia. Jardim Botânico, assumiu as despesas e se comprometeu a concluí-la. Durante as obras, os trilhos chegavam à rua Real Grandeza, ao lado do cemitério São João Batista, e os bondes ostentavam as tabuletas “Copacabana — Real Grandeza”.

Quando perguntavam se o bonde já chegava em Copacabana, o motoneiro respondia: “sim, Copacabana do lado de cá!” Havia trilhos do lado de lá, mas não no túnel. O primeiro bonde, nº 22, chegou do lado de lá atravessando o túnel carregado por operários, sem burros e sem rodas. Com a urbanização, prédios e a construção das avenidas, o bonde foi retirado, mas permanece como uma das histórias mais pitorescas da transformação de Copacabana ao longo das décadas.



Em 1892, primeira estação de bondes em Copacabana, na esquina de N. Senhora de Copacabana com Siqueira Campos (antiga Rua do Barroso).